

ANÁLISE DAS REPETIÇÕES NA LINGUAGEM DE UM SUJEITO COM DOENÇA DE ALZHEIMER: HÁ ALGO DE NOVO?

Milena Cordeiro Barbosa (UESB³)

milenacord.barbosa@gmail.com

Mikaela da Silva Souza (UESB)

202111192@uesb.edu.br

Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)

nirvanafs@terra.com.br

RESUMO

As repetições são definidas como segmentos discursivos idênticos ou semelhantes produzidos duas ou mais vezes em uma mesma situação enunciativa-discursiva. Parte-se do pressuposto de que repetir elementos linguísticos não equivale a repetir o mesmo conteúdo e que, no contexto da língua falada, as repetições assumem a função de organização discursiva e coerência textual. Assim, questionou-se o que há de novo nas repetições produzidas por idosos com Doença de Alzheimer (DA)? Objetivou-se analisar os aspectos funcionais assumidos pela repetição na oralidade de um sujeito com DA, bem como os sentidos evocados no discurso. Para tanto, foi analisado um dado produzido sob a ótica de dado-achado decorrente de um acompanhamento longitudinal em curso. Foram utilizados conceitos da perspectiva textual-interativa e definições propostas pela psicanálise lacaniana que coadunam com o escopo teórico da Neurolinguística Discursiva. Os resultados apontaram que as repetições mais recorrentes assumem as funções de coesão textual, compreensão e interatividade, de modo que as hetero-repetições contribuíram para a construção colaborativa do texto. Assim, observou-se a importância do outro na sustentação do sujeito em seu próprio discurso. Concluiu-se que as repetições na linguagem do sujeito com DA expressam o novo tanto no âmbito textual, quanto no discursivo.

Palavras-chave:

Linguagem. Repetição. Doença de Alzheimer.

ABSTRACT

The repetitions are defined as equals or similar discourse segments, which are produced two or more times in the same enunciative-discursive situation. It is considered the premise that the repetition of linguistic elements is not equivalent to repeating the same informational content and that, in the speaking language context, the repetitions admit the discourse organizational functions and the textual coherence. Then, it was inquired: What is new in the repetitions produced in elderly people with Alzheimer's Disease (AD) speaking? The objective of the work was analyzing the functional aspects assumed in the oral repetition of an individual with AD, the meanings developed in the

³ O presente trabalho foi produzido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001, e com apoio da UESB em forma de bolsa de Iniciação Científica.

discourse also were checked. Therefore, it was examined data produced, in the optic of a “found-data”, which was a consequence of a longitudinal assistance in course. It was used notions from the interactive-textual perspective and some definitions proposed from Lacan’s psychoanalysis that combine with Discursive Neurolinguistics theoretical framework. The results indicated that the more regular repetitions admit textual cohesion functions, understanding and interactivity, in a way that the hetero repetition contributed to the collaborative building of the text. So, it was noticed the importance of the other person in the support of the individual in his own discourse. The conclusion was that the repetitions in the language of the subject with AD express the new both in textual and discursive scope.

Keywords:

Language. Repetition. Alzheimer’s disease.

1. Introdução

Há um consenso em considerar na linguística que as repetições são segmentos discursivos idênticos ou semelhantes produzidos duas ou mais vezes numa mesma situação discursiva (Cf. MARCUSCHI, 2002; 2006). Marcuschi (2002; 2006) as qualifica como uma estratégia de produção textual bastante presente na oralidade, inerente ao processo elaborativo. As repetições são motivadas pelas situações interativas, que são diversas e singulares, sendo assim, não se apresentam como um mero ato metalinguístico (Cf. MARCUSCHI, 2002; 2006). Marcuschi (2002; 2006) enfatiza que repetir elementos linguísticos não equivale a dizer o mesmo. Ao tomar as repetições enquanto processo inconsciente, Costa (2010) tem chegado a uma constatação similar. A autora conclui em Freud que a repetição se refere ao que não está na cadeia associativa, ao que não se inscreveu, que retorna como estranho ao sujeito e possibilita uma nova significação em transferência. Já em Lacan, pela perspectiva de Costa (2010), a repetição é retratada como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, sendo determinante na formação do sintoma tendo em vista que está para os registros simbólico e real. Assim, o novo da repetição se apresenta pelo que traz outra vez no sintoma, se atualiza neste (Cf. COSTA, 2010).

Apesar de ser um recurso utilizado por todo e qualquer sujeito de linguagem, a repetição – bem como o excesso de pausas, hesitações, disfluência, e desorganização sintática – é associada de forma pejorativa à linguagem dos idosos (Cf. MARCUSCHI, 1991). Estas características linguísticas são destacadas por Preti (1991) que as explica pelas alterações psicofísicas que os indivíduos sofrem ao longo dos anos decorrentes de adoecimentos e do próprio envelhecer. A repetição está descrita ainda nos quadros de afasia, conforme verificado por Tagliaferre (2008). A autora

pontua que nas afasias a repetição ocorre em associação com a “dificuldade de encontrar palavras, ao problema de acesso ou de processamento lexical, a alterações sintáticas, aos problemas de ordem mnésica ou fonológico-articulatória” (TAGLIAFERRE, 2008, p. 27).

Essas marcas na linguagem, recaem em um lugar de desvalorização social e torna-se objeto de preconceitos (Cf. MARCUSCHI, 1991; NOVAES-PINTO, 2008; PRETI, 1991). No caso dos idosos, tendem a ser marginalizados e silenciados socialmente devido ao não lugar que ocupam em relação à cadeia produtiva (Cf. PELIS, 2020). Isto é agravado no contexto das demências, pois não é incomum que os sujeitos demenciados sejam desconsiderados enquanto sujeitos de linguagem (Cf. BEILKE; NOVAES-PINTO, 2010). Beilke (2010) discute que no imaginário social os sujeitos com Doença de Alzheimer, doravante DA, apresentam perda neuronal completa e, a partir dessa concepção, em muitas situações dialógicas, são desconsiderados como interlocutores por amigos, familiares e até mesmo profissionais da saúde que “falam *sobre eles* com os acompanhantes, mas não *com eles*” (BEILKE, 2010, p. 19, grifos do autor).

A demência compreende, segundo Beilke e Novaes-Pinto (2010), uma síndrome caracterizada como um quadro neurológico definido por múltiplos desarranjos nas funções cognitivas. Os casos com maior incidência diagnóstica são devido a Doença de Alzheimer (Cf. ARAÚJO; NICOLI, 2010), que provoca lesões difusas no Sistema Nervoso Central (SNC) ocasionando comprometimentos em atividades neurais como orientação espacial e temporal, memória e linguagem (Cf. WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022, on-line). Ao analisar a etimologia da palavra “demência” que do latim (*de+mens*) significa “sem mente”, Beilke (2010) considera inadequado o emprego de tal definição no tratamento e designação dos sujeitos demenciados, visto que a patologia compromete algumas funções cognitivas em determinados níveis que, no entanto, não apaga a existência do ser como sujeito mentalmente produtivo.

Nesse sentido, observa-se que as repetições orais dos idosos com DA apresentam como conteúdo suas próprias experiências de vida, ou seja, situações e memórias anteriores ao adoecimento, esse processo revela a tentativa do sujeito em proteger sua integridade psíquica dos efeitos da doença (Cf. CARDOSO; DINIZ NETO, 2016). Goldbarb (2014) verifica, através da sua prática clínica em articulação com a teoria freudiana, que nas fases iniciais da DA a recorrência à repetição do relato de vivências funciona como mecanismo de manutenção de algo de si, da identidade. Já nas fases mais avançadas, a repetição se vincularia mais a pulsão de morte,

tendendo a um movimento destrutivo de desvinculação de sua história e participação no presente (Cf. GOLDFARB, 2014). Acerca disso, Landi (2009) discute, a partir de Lacan (1975), que as alterações orgânicas presentes nas demências interferem na dimensão da identidade dos indivíduos e com o avanço da doença neurodegenerativa produzir estados de alienação subjetiva. A autora assegura que na relação com o outro o falante se mantém em movimento, faz uso das regras internas da língua, ainda que se perca a função comunicativa da linguagem.

Assim, este artigo questiona o que há de novo nas repetições produzidas por idosos com DA. Tem-se como hipótese que a repetição é um mecanismo de manutenção do diálogo que carrega em si múltiplas funções da linguagem para além de uma mera reincidência de um segmento. Parte-se do pressuposto que a repetição é composta por algo de novo, e essa capacidade constitutiva consiste em um dos indicadores da presença do sujeito na fala. Assim, intui-se analisar os aspectos funcionais assumidos pela repetição na oralidade de um sujeito com DA, assim como os sentidos evocados no discurso. Para tanto, foram utilizados conceitos da perspectiva textual-interativa e definições propostas pela psicanálise lacaniana que se associam com o solo teórico da Neurolinguística Discursiva (ND). Esta abordagem teórica permite a articulação entre aportes teóricos que compartilham pressupostos em comum sobre a relação entre cérebro e linguagem, estando orientada pela teoria discursiva na avaliação e acompanhamento do sujeito e análise dos dados (Cf. COUDRY; FREIRE, 2010).

2. Metodologia

O dado que se segue foi coletado e analisado na perspectiva de dado-achado, este que é “produto da articulação de teorias com o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento clínico de processos linguístico-cognitivos” (COUDRY, 1996, p. 183). O acompanhamento longitudinal, pela interação e parceria na interlocução entre pesquisador e sujeito, oferece condições para o aparecimento das perturbações e das possibilidades de intervenção (Cf. COUDRY, 1996). O dado refere-se à linguagem de Margarida, nome fictício atribuído ao sujeito, em uma situação enunciativo-discursiva com Imb, pesquisadora, decorrente de um acompanhamento longitudinal em curso⁴. Na ocasião, Margarida tinha 91

⁴ Este estudo é produto da dissertação de mestrado em desenvolvimento que tem como título *A repetição na oralidade de sujeitos com Doença de Alzheimer: diálogo entre a Neurolinguística Discursiva e a Psicanálise*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em

anos e encontrava-se na fase inicial da DA. Margarida é bastante alegre e receptiva às propostas de interação, é aposentada, viúva, natural de um município do interior da Bahia e hoje reside com a filha em Vitória da Conquista-BA.

O acompanhamento se dá de forma presencial, na residência do sujeito conforme acordo estabelecido previamente. A pesquisa teve início após submissão e apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa que gerou o parecer nº. 5.593.971, e assinatura dos temas de consentimento pelo sujeito e pelo cuidador principal. Realizou-se gravação do áudio, com a autorização do sujeito. A transcrição e análise seguem, com algumas adaptações, o modelo do Banco de Dados de Neurolinguística (BDN) da Unicamp (Cf. FREIRE; COUDRY, 2016). As repetições (R) foram analisadas à luz da teoria textual-iterativa. Marcuschi (2002; 2006) propõe categorias de análise quanto ao segmento linguístico repetido, à produção, à distribuição na cadeia textual, à forma e à função. Neste trabalho, destacamos as funções assumidas pelas R no campo da composição textual e no discurso. Os processos de significação, por sua vez, foram explorados a partir da Neurolinguística Discursiva em articulação com a Psicanálise Lacaniana.

3. *Análise e Discussão*

O dado foi produzido em 17 de outubro de 2022. Na ocasião, foi proposta uma atividade de rememoração de brincadeiras infantis, em referência a data comemorativa do dia das crianças. Margarida relatava sobre experiências em sua infância, como brincadeiras e passeios.

Dado 1: Memórias de infância⁵.

Linha	Interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal
1	Imb	la a senhora e quem mais?	
2	Margarida	E da minha família ia eu / que eu lembro era eu só. Zuína, é essa que fazia os cachos de vela...	
3	Imb	Sim.	
4	Margarida	<i>Ela não ia não.</i> Eu não sei por que	

Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

⁵ Foram considerados os seguintes sinais gráficos: / representa uma pausa breve, // uma pausa longa, () trecho incompreensível e ... uma interrupção.

		que <i>ela não ia</i> . Acho que era de <i>criança</i> pequena, né? <i>Eu não lembro não / Ela não ia, ela não ia. Eu que ia com mais criança.</i>	
5	Imb	Essas outras <i>crianças</i> eram que <i>moravam perto da casa da senhora?</i>	
6	Margarida	Ham?	
7	Imb	Essas outras <i>crianças</i> , <i>moravam perto da casa da senhora?</i>	
8	Margarida	Acho que era. <i>Eu não lembro</i> também nem <i>como é que chama</i> essas <i>crianças</i> mais, <i>como é que chamava</i> . <i>Nem lembro mais / Algumas amigas que mãe tinha, morava perto, já morreram / todas</i>	
9	Imb	Hum.	
10	Margarida	Tinha uma lá a gente conhecia. às vezes ia na <i>casa</i> , né? / às vezes gente // E caía <i>tanajura</i> , aquelas <i>tanajura</i> de <i>bunda grande</i> .	
11	Imb	As formigas?	
12	Margarida	Hãh?	
13	Imb	É umas <i>formigas da bunda grande?</i>	
14	Margarida	<i>Da bunda grande / é tanajura.</i>	
15	Imb	Sim.	
16	Margarida	A vizinha minha <i>catava catava</i> ou botava nós pra <i>catar tanajura...</i>	
17	Imb	Ah, é?	
18	Margarida	Nós <i>catava</i> e <i>panhava</i> , né assim ()	Sobreposição de vozes
19	Imb	Ela fazia o que com essas <i>tanajuras?</i>	
20	Margarida	Eu <i>panhava</i> óleo / eu <i>panhava óleo</i> na minha <i>casa</i> , na <i>casa</i> de minha mãe. <i>Óleo</i> e levava para ela <i>fritar as tanajura</i> . <i>As bunda de tanajura. Fritava e nós comia.</i>	Risos
21	Imb	Ahhhh.	
22	Margarida	<i>E nós comia.</i>	Risos.

Fonte: Banco de dados pelas pesquisadoras.

De modo geral, observa-se nesta situação discursiva a predominância das desinências *ava* e *ia* na conjugação dos verbos, característica predominante das narrativas e coerente com a atividade proposta. Nos quadros de alterações da memória, a narrativa tem se apresentado como um método de reconstrução e reorganização tanto dos elementos linguísticos, quanto dos fatos (Cf. BEILKE; NOVAES-PINTO, 2010).

Na linha 4, a matriz *ela não ia* é repetida expressando ênfase, função de compreensão. Isto, nos traz a impressão de que Margarida se dá conta no momento do relato que a amiga não ia ao passeio, levantando uma hipótese em seguida que justifique a sua ausência. Há uma tentativa do sujeito de produzir sentido sobre o vivido. A fala possibilita a reedição de suas lembranças, apesar de não estar dito (Cf. GOLDFARB, 2014), ao passo em que há a reelaboração da linguagem (Cf. COUDRY; FREIRE, 2010).

A matriz *eu não lembro* que, tem sua primeira ocorrência na linha 4 aparece novamente na linha 8 parafraseada, expressa continuidade co-textual. Trata-se da mesma forma, mas não do mesmo referente. Na linha 4 falava-se sobre quem ia ao passeio, na 8 refere-se ao nome das crianças. Margarida demarca o seu não saber, a sua relação com suas memórias e esquecimento, a subjetividade do sujeito que está marcada na língua (Cf. BENVENISTE, 1976). Apesar disso, Margarida fala sobre o que sabe, o que se recorda, e sustenta a interação pelas suas reminiscências (Cf. CARDOSO; DINIZ NETO, 2016; GOLDFARB, 2014). O sujeito faz laço com o seu sintoma (COSTA, 2010), neste caso o esquecimento.

O substantivo *crianças* ocorre pela primeira vez na linha 4 e é repetido nas linhas 4, 5, 7 e 8. Sobre a primeira ocorrência, infere-se que se refere a uma classe de crianças, as crianças pequenas, de um modo geral. Já nas demais linhas, o vocábulo expressa um grupo específico de crianças com quem o sujeito passeava. Essas R denotam referenciação, assegurando a coesão textual. Ainda é possível observar a função interativa que se estabelece entre o sujeito e o pesquisador, na medida em que o segundo ratifica o papel de ouvinte questionando sobre o que foi dito pelo outro, o que denota envolvimento.

Na linha 8, há repetição da construção *moravam perto* pelo sujeito retomando o tópico que havia sido introduzido na linha 5. Chama-nos a atenção que, ao afirmar não se lembrar o que foi questionado, Margarida fala sobre o que se lembra em relação às pessoas que de fato moravam próximas à casa de sua mãe. Observa-se autocorreções nos pares *chama – chamava* e *minha casa e casa de minha mãe* nas linhas 8 e 20 respectivamente. Há uma adequação verbal para o tempo sobre o qual se falava na linha 8. Acerca da casa, pode ser dito que o sujeito já não identifica aquela casa de outrora como sua. Num processo de comparação entre passado e presente, há a historicização do sujeito conforme discute Goldfarb (2004).

As linhas 10 e 14 apresentam a repetição do nome *tanajura*,

observa-se referenciação, assumindo função discursiva de compreensão. Em seguida, percebe-se as R *catava* e *panhava* estabelecendo ênfase. Além disso, há um processo de incorporação de sugestão, através de hetero-repetições, o qual sugere colaboração textual entre os interlocutores, evidenciando a função do outro na sustentação do sujeito com DA no discurso (BEILKE, 2010). Como assegura Landi (2009, p. 41), a fala do outro “evoca um texto, uma outra cena”.

4. Considerações finais

Observou-se a ação do interlocutor como um instrumento significativo para o alcance do intuito comunicativo do sujeito com demência, que se dá através do discurso repetitivo. Ademais, identifica-se o interlocutor como um importante suporte para a preservação de funções socializantes referentes à linguagem do sujeito com DA (Cf. DINIZ NETO; CARDOSO, 2016). As repetições analisadas do sujeito, provenientes de uma situação discursiva, demonstraram-se cheias de significações e de características singulares que não devem ser ignoradas ou interpretadas como “falas vazias” pelos seus interlocutores, e que revelam, assim, a permanência da relação do sujeito com a linguagem, mesmo com os comprometimentos cognitivos resultantes da demência de Alzheimer (Cf. LANDI, 2009).

Conclui-se assim, como expressa Novaes-Pinto (2008, p. 24) ao citar Sacks (1997), o organismo ou o indivíduo sempre reage a uma perda ou excesso para “restaurar, substituir, compensar e preservar sua identidade”, ou seja, o dano faz com que se busque o equilíbrio. Nesse sentido, as repetições puderam ser entendidas como estratégias utilizadas pelos sujeitos acometidos pela DA para manterem-se no jogo dialógico e para se reafirmarem enquanto sujeitos. Assim, o novo se expressou tanto nas relações discursivas, quanto na dimensão da composição textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Claudia Lysia de O.; NICOLI, Juliana Silva. Uma revisão bibliográfica das principais demências que acometem a população brasileira. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 13, n. 1, p. 231-44. São Paulo, jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4872>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BEILKE, Hudson Marcel Bracher. *Linguagem e Memória na Demência*

de Alzheimer: Contribuições da Neurolinguística para a Avaliação da Linguagem. Mestrado em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Campinas-SP, 2010. 136p.

BEILKE, Hudson Marcel Bracher; NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. A narrativa na demência de Alzheimer: reorganização da linguagem e das “memórias” por meio de práticas dialógicas. *Estudos Linguísticos*, v. 39, n. 2, p. 557-67. São Paulo, mai-ago. 2010. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/39/v2/EL_V39N2_11.pdf. Acesso em: 15. mar.2023.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CARDOSO, Sylvana; DINIZ NETO, Orestes. Considerações sobre a repetição da linguagem no idoso com Alzheimer: uma perspectiva psicanalítica. *Revista Subjetividades*, v. 16, n. 3, p. 58-69. Fortaleza, dez., 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000300005. Acesso em: 15 fev. 2023.

COUDRY, Maria Irma Hadler. O que é dado em Neurolinguística? In: CASTRO, M. F. P. (Org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 179-94

COSTA, Loren Alyne. *O que a repetição traz de novo: As dimensões de determinismo e contingência da repetição*. Mestrado em Psicologia – Universidade Federal de São João del-Rei, Programa de Mestrado em Psicologia, São João del-Rei-MG, 2010. 85p.

COUDRY, Maria Irma Hadler; FREIRE, Fernanda Maria Pereira. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). In: COUDRY, M. I. H. (Org.). *Caminhos da Neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 23-48

FREIRE, Fernanda Maria Pereira; COUDRY, Maria Irma Hadler. Banco de Dados de Neurolinguística: ver, analisar, intervir, teorizar. *5º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa*, v. 3, p. 367-76. Portugal, 2016. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/979/955>. Acesso em: 15 fev. 2023.

GOLDFARB, Delia Catullo. *Demências*. São Paulo: Casa do Psicólogo,

2014.

LANDI, Rosana. O sujeito e o efeito da própria fala na afasia e na demência. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 12, n. 2, p. 33-45. São Paulo, nov. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4412>. Acesso em: 25 fev. 2023.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. Apresentação. In: PRETI, D. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991. p. 9-13.

_____. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do Português Culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Unicamp, 2006, v. 1. p. 219-54

_____. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: V. KOCH, I. *Gramática do Português Falado*. 2 ed. rev. Campinas: Unicamp, 2002. p. 105-41

NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. Preconceito linguístico e exclusão social na normalidade e nas chamadas “Patologias de linguagem”. *Avesso do Avesso*, v. 6, n. 6, p. 8-36, Araçatuba, ago. 2008.

PELIS, Simone Maximo. *Silêncio: a linguagem em uma instituição de longa permanência para idosos*. Mestrado em Linguística – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista-BA, 2020. 136p.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

TAGLIAFERRE, Rita de Cássia Silva. *Formas e funções da repetição no contexto das afasias*. Mestrado em Linguística – Instituição de Estudos da Linguagem, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Campinas-SP, 2008. 114p.

Outra fonte:

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *ICD-11 for mortality and morbidity statistics*. On-line, WHO; 2022.